



Brasília, 03 de maio de 1988.

Senhor Presidente,

Encaminho a V.Sa. a transcrição de cinco fitas da carta-falada dos índios Marúbo Raimundo Tuxaua e João Pa-jê, gravadas no rio Ituí.

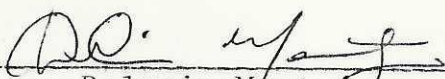
Conservamos a forma dos índios se exprimirem e as repetições típicas do diálogo indígena. Chamamos atenção, a emoção e a indignação desses Marúbo, que por não compreenderem a falta de tato ou habilidade com que têm sido tratados pelos funcionários da Administração Regional de Atalaia do Norte e do PIA. Ituí, resolvem se dirigir diretamente ao Presidente da República, através desta carta-falada.

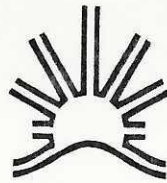
Os missivistas, líderes de maloca, analisam não só as necessidades do seu grupo, como a atuação dos funcionários do Órgão, merecendo uma avaliação e um reexame por parte dos superiores do mesmo.

Seus pedidos de utensílios agrícolas e de medicamentos, refletem suas necessidades, além de uma averiguação sobre remessas já feitas anteriormente e desviadas para outros lugares.

Estamos inteiramente ao dispôr de V.Sa. para qualquer esclarecimento sobre o assunto.

Atenciosamente,


Delvair Montagner



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

Pedidos:

- Projeto para o povo Marúbo (rio Ituí e Curuçã);
- Fornos de farinha para cada maloca;
- Motores para ralar mandioca (um para cada maloca);
- Ferramentas agrícolas e extrativistas;
- Batelão com motor para transportar produtos agrícolas e extrativos para venderem na cidade (rio Ituí);
- Medicamentos, assistência médica e odontológica para os Marúbo (de ambos os rios);

Síntese da Carta-Gravada

Queixas:

- Falta de diálogo com o pessoal da Base (Administração Regional);
- Falta de confiança nos Chefes de Postos, que imaturos, prometem e não cumprem, ou se omitem, tornando-se antipáticos;
- Querem Chefes de Postos mais velhos e casados (segundo visão cultural do grupo);
- Reclamam da atuação dos Chefes da Base que não vão às malocas para ouvirem e levantarem as necessidades dos Marúbo;
- Queixam da proibição da entrada de regatões nas malocas. Estão passando necessidades, pois a Base não os supre de mercadorias;
- Reclamam que a FUNAI pediu que continuassem a fazer artesanato, sendo estocado e não comprado;
- Não apreciam a dedicação do Odinor (chefe do PIA. Ituí) aos Matís, em confronto ao esquecimento total aos Marúbo.

CARTA-GRAVADA DOS MARÚBO AO
PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Missivistas: João Pajê e Raimundão (irmãos)

Gravação: Maloca de João Pajê, em 31.12.87

Tradução: Benedito Dionísio

Transcrição das fitas: Vera Maria Cavalcanti
Alves

Revisão do texto: Delvair Montagner

(...) Meu pai, homem velho, criado no Brasil, trabalhava em Turumã, onde aprendeu português e castelhano, desde menino. (Foi) criado pelos velhos que o entregaram aos civilizados. Voltou à maloca, casou com a sua mãe e ficou tuxaua, chefe de maloca. Fizeram outra maloca para ele e tiveram quatro filhos. Quando o mais velho já estava com 18 anos, o pai morreu picado de cobra.

O (seu) pai gostava de armas, por isso ele quer comprar mercadorias dos brancos, como armas, e substituir o pai, mas (como) não falava português, não podia comprar mercadorias para eles. Um missionário chegou na maloca e gostou de Raimundo, seu filho, levando-o para Manaus onde ficou dois anos, aprendendo português. Ao retornar à maloca, seus parentes mandaram ele comprar mercadorias e fazer caucho.

Ele comprava pele de porquinho para vender, pois falava português. Ele trabalhava com dez pessoas e Raimundo fazia as compras, era tudo combinado. Cortaram seringa e caucho,



fazendo pêlas. Uma vez comprada a mercadoria, compram mais e mais, ficando como rico. (Compravam) encomendas dos outros. Falou para seu pessoal que morava no Curuçã e a seus parentes, avisando aos trabalhadores que ia mudar para outro rio, para fazer pêlas de cacho.

Nesse tempo, já tinham varado do Juruá para a cabeceira do rio Ituí. Passaram para essa cabeceira e foram cortar madeira, fazendo "colocação". Eram poucos os trabalhadores do Raimundo: seu tio e seu filho. Conseguiram trabalhar dentro do Ituí, com um patrão bom. Foram avisar o pessoal que trabalhava com o Carlos, (que tinha) um patrão bom e antigo, mas que não pagava bem, para trabalhar nas "colocações" do Ituí, cortando seringá. O Floriano e o Abel trabalharam para ele e conseguiram mais mercadorias.

Seus trabalhadores ficaram satisfeitos porque podiam comprar o que precisavam. Raimundo trazia as encomendas deles. Passado muito tempo, trabalharam no Ituí. Morando aí, cortaram seringá para o Antônio Maia, seu patrão. Depois de (estar) muito tempo com os parentes de sua esposa, que moravam no Curuçã, morre seu pai e padrinho. Não quiseram mais morar na mata e querem conhecer os civilizados, na cidade. Raimundo não os deixa, alegando que tinham bom patrão.

Não sabemos como ganhar dinheiro, não podemos levar os produtos à cidade e ganhar ^{dinheiro.} Os rapazes novos acostumaram-se a não ouvirem as palavras do Tuxaua, que ensina sua história. Perguntam sempre. Hoje em dia, não ouvem as palavras do Tuxaua e não aprendem a obedecer, moram aonde querem. Eu fiquei no lugar do Tuxaua, ensinando o que deve ser feito. Eles não estão acostumados a obedecerem os (mais) velhos e a ouvirem suas palestras. Então, você vai contar ao Presidente da República (aquele que ficou no lugar do que morreu — o Tancredo), o que os Marúbo precisam: material para tra

balhar e cortar madeira. Diga a ele quem mora neste lugar.

Por isso aprendi a história do povo e ocupo o lugar deles, (aprendi) as suas palavras e a curar as pessoas, ficando elas com saúde. Os rapazes e as mulheres têm que ouvirem a minha palavra. Assim falou Paulo....da....., pedindo um Projeto para o pessoal do Ituí, que está esquecido.

Precisamos de forno para farinha, tijela, motor para ralar mandioca e fazer farinha. Pedimos que mandassem essas coisas para o nosso trabalho e ele(FUNAI) não mandou. O pessoal ficou esperando e acreditando. Fizemos roças grandes e plantamos muita mandioca, mas tivemos que ralar tudo na forma tradicional, que não rende e corta as mãos. Esperamos pelo material que não veio. Quando ele mandar esse material(que nunca chegou aqui), não queremos mais ser enganados. Queremos ferramentas, não falhem. Queremos que esse material chegue para confiarmos, pois nem o regatão, nem a FUNAI, poderão mais entrar aqui, sem cumprirem a palavra.

Ficaremos como os antigos. Seremos como os antigos. Voltaremos aos usos tradicionais, pois foram tantas as desculpas e nada recebemos do que tanto precisamos. Daqui para cima do Boeiro, ninguém mais vai trabalhar com a FUNAI. Vamos voltar a ser estranhos, querendo apenas matar quem quer que se aproxime de nossas malocas. Trabalharemos da forma antiga, da forma tradicional, sem aceitar conversa de progresso, cidade, comércio, pois as pessoas com raiva não querem mais ouvir mentiras.

O pessoal do Posto Velho (PIA.Ituí), vocês cuidem. Mas nós das cabeceiras não queremos mais vender produtos na cidade, carregaremos nas costas. Não queremos contato com vocês, que se queixam de viajar até a última maloca, de subir no barco e

também de ir até os Matís para baixo. Não vamos parar de viajar. Você (pode) viajar até a maloca. Podemos comprar um batelão com motor para subir até as malocas e vender (os produtos) na cidade. Não é embarcação para passear. Não queremos ser enganados. (Queremos) vender os produtos em Benjamin Constant e Atalaia do Norte. Assim, eles acham ruim. Trazemos os produtos de remo até a cidade e achamos ruim; não chegavam nos Marúbo de lá. Já esperamos e conversamos para eles buscarem as outras pessoas. Vocês não podem trabalhar sem ouvirem a palavra do Índio e o que ele precisa. Assim falamos e vamos contar.

Hoje recebemos um recado que havia chegado um chefe tuxaua, de cada maloca, mas... Mandou dizer que se fôr afastado da maloca, não tem outro chefe como eu. Se eu sair, as pessoas que moram perto de mim vão ser cuidadas, as outras não, pois não posso deixar os doentes morrerem, se eu sair daqui como quer o Paulo (Administrador Regional). Não vou mais tratar dos doentes. Só o pessoal da minha maloca. Os Americanos (missionários) me dizem que (nós) não curamos as pessoas. É Deus quem cura. Fiquei com vergonha. Não sou pajé, mas não estou mentindo para as pessoas. Eu os curei quando doentes. Eles (missionários), com palavras de Satanás, dizem que todos temos que ser crentes. Nós morando longe das pessoas, precisamos ficar juntos.

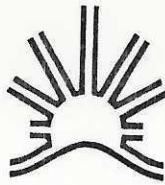
Recebemos algumas coisas. Os marreteiros compravam a borracha. Eu queria levar para ele vender na cidade. Se pudesse mandar um recado. Ele ficou de fora, não precisa de mim. Eu queria falar com ele, outra vez, diferente, vou contar outra história. Não temos notícias. Se você conversasse bem com a gente, não enganasse. Esperei por notícias. (Querida) falar com você (Administração), mas não tenho barco para chegar em Atalaia e não fui.



Já conversamos e esperamos que você nos mande (alguém) para ajudar as pessoas. Fiquei esperando que você colocasse outra pessoa no meu lugar. Uma pessoa que seja sempre boa, não fique de cara feia de um dia para outro, queira conversar, (não) queria brigar e ir embora para a cidade; que todos vêm que essa pessoa quer ensinar e viver com a gente. (Queremos) um rapaz novo, mulher ou moça. Sô pensamos que seja enviada pelo tuxaua (Presidente?). (Ela) chega na maloca e vê as pessoas doentes. Eu cuido delas como um doutor, o único que as trata. Eu falo para eles que não é assim, as pessoas precisam de atenção.

Assim é sempre, esperando recado para levar as coisas para vender na cidade. Já conversei com ele. Se chegasse o barco para nós! Fiquei com raiva. A roça na beira do rio foi alagada. Pensamos em ir vender algum milho, banana, batata, macaxeira e galinhas, na cidade, mas não temos como levar. Como vou fazer? Pensei e não fui, mas estou parado. Conversei com os homens da Base e vou dizer para que você avise a eles. Você vem de longe, da cidade, da capital. Tem que conversar bem direito e ouvir a minha história.

O Paulo (Administrador Regional) é como os outros que vierem e voltaram. O sertanejo fala todos os dias e todos os meses, de Brasília. O homem de Atalaia não dá os recados das pessoas Marúbo e não transmite às outras, somente as conversas dele. Ele mentiu para mim. Esse homem que está em Atalaia (Administrador Regional) também ^{está} mentindo para as pessoas, (tudo) ficou do mesmo jeito. Não ensina os índios a trabalharem. Não quer ensinar as pessoas. Será verdade que (estão) contando a história dos índios (que) estão sendo enganados? Falam que vão ensinar a trabalhar e a melhorar a venda dos produtos. Falam, mas nunca vem ao Ituí falarem com os índios, que ficam esquecidos e abandonados. Falo porque você precisa entender; briguei, não estou brincando.



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

A FUNAI é boa aos índios, assim ensino aqui. Você é conhecida do Presidente da República, que precisa escutar essa história. Ele precisa saber se você conta-lhes essa história, (que) não é verdade. A FUNAI não cuida bem do índio. Não (atende) sempre suas necessidades, por isso ele precisa saber. Vamos ver se ele recebe essa minha história e não faça como a FUNAI de Atalaia faz com os índios, enganando as pessoas do Alto Ituí.

Vamos dizer outra coisa. Falei com o chefe da Base, o Paulo: precisamos de um barco. Vamos trabalhar com madeira. (Precisamos de) condições para comprar um barco. O barco de Lauro (patrão Marúbo) é só para o pessoal dele. As outras três malocas querem outro barco para (escoar) os produtos dos índios.

Pensando, assim, falamos com o Chefe da Base. Ele mandou trabalharmos para comprar o barco e quer outro barco para ele usar. Nós não temos material, trabalhamos no roçado para fazer farinha, sem ter o que fazer. O chefe da Base diz que já mandou dois motores, mas o Odinor, chefe do Boeiro, ficou com os dois e entregou um para o civilizado que mora perto. O Administrador não gostou do que ele está fazendo. O chefe diz que não recebeu a farinha deles. Para os índios das malocas de Vida Nova nunca chegou nada, eles (chefia) ficam com as coisas.

Noutra viagem, a chefia do Posto Boeiro, entregou o motor para outra pessoa. Precisamos do motor. Ele (a chefia) não quer entregar para a gente. Se você falar com o chefe da Base, o Presidente da República manda, mas o pessoal (Odinor) nunca faz. Eles não entregam as coisas que o Projeto manda. Fica só para eles e não querem dar aos índios. No Posto Boeiro falamos que íamos levar o motor. Ele (chefia) disse que tinha deixado no Posto Velho, com o Baiá e não tinha tempo

de ir buscar. Ele não (nos) entregou. Ele fala que trabalha bem, mas trabalha errado. Quer farinha para vender na cidade, mas não temos motor para fazê-la. O Paulo pensa que nós o enganamos. Com o ralo (de lata ou de raiz de paixúba) não dá para fazer muito (farinha).

O chefe da Base entendeu o que eu disse, eu (não) falei na minha língua. Ele não mandou aviso e já saiu de lá, não apareceu mais. Acho que ele mora sempre no Posto Velho, não quer morar junto com os Marúbo. Falamos com ele, mas esqueceu nossas palavras. Outra pessoa daquele tempo do seu Rubens, trabalhava bem, plantava e fazia farinha, ensinava a trabalhar, havia comida e roça para todos. Tínhamos saúde e força; havia sempre farinha e caça. Essas pessoas de hoje em dia, da FUNAI, no Posto Novo, nunca trabalham bem com a gente. (Antigamente) as mercadorias que o índio precisava, tinha de tudo. No tempo do Rubens (sertanista Tavares), a gente não passava fome. Esse homem (chefia atual) que está no Posto, só quer mexer com as mulheres dos índios, não quer trabalhar. Ele só quer ir para as festas. Não deixa de mexer com as mulheres Marúbo. Não põe os trabalhadores para fazer as coisas bem. Agora pedimos para colocar gente velha (de idade), no Posto Novo e em Atalaia também, pois gente velha sabe fazer as coisas, trabalha bem com o índio. Esses rapazes novos, chefes da Base e do Posto, só fazem coisas erradas com a gente, mentem, já conhecemos suas maneiras de enganarem o índio.

Vocês vêm de longe, não dá para virem até aqui, mas vocês têm condições de virem até aqui conversarem com a gente e falarem com o chefe da maloca. Os chefes da Base nunca fazem assim. Não vem uma vez aqui e tem que (nos) ensinarem um jeito de ganhar dinheiro. Nós gostamos de vocês que vem e compram as coisas dos Marúbo e pagam. Em outra viagem,



Julio Cezar Melatti veio aqui com o dinheiro que ganhou e comprou as coisas. A FUNAI precisa ajudar a vender os produtos com o barco, mas nunca mandou. Esperamos aqui, mas nunca chegou. Não sabemos como ganhar dinheiro, por isso não levamos os produtos para a cidade.

Aqui as pessoas conversam assim. Falamos com a senhora que mandou uma vez um Projeto e todos se beneficiaram dele. Quem mora em Atalaia não ensina as pessoas a trabalhar para ganharem dinheiro. A sua palavra não é mentira. Falamos para o Chefe da Base mandar tijela, terçado e facas para o serviço e ele não mandou nenhuma vez. Ele queria mandar material para o trabalho, mas não mandou. Naquele tempo não ganhávamos mercadoria. Queremos trabalhar para ganhar dinheiro e comprar o que precisamos. Pedimos à FUNAI material para trabalhar e ela não mandou. Sem vender os produtos, não podemos ganhar dinheiro. Os Americanos vendem as mercadorias, mas (nós) não sabemos, ganhamos pouco. Eles compram por preços menores. O trabalho de uma família não dá para comprar o que se precisa, assim não dá certo. Trabalhando todos juntos e vendendo na cidade, com o barco, pensamos (que) assim é melhor.

Em Atalaia, o Chefe da Base, não falou do pessoal do Ituí. Não lhe contou que estamos abandonados. Não sabemos o que fazer, (isso) não contaram para a senhora. Sou o tuxaua e não moro sozinho, os meus parentes estão aqui. (Sou) dono de maloca e do rio daqui. Todos me chamam de Pai e são do meu agrado.

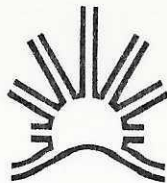
Agora quero mandar um recado para a gente (as autoridades) ouvir. O pessoal da Base foi falar com o governo de Atalaia. Queremos aprender o jeito de fazer as coisas. O Chefe da Base queria saber se nesta maloca, de pouca gente,

morávamos perto de outra maloca. Conversei com o Paulo Nestor que não mandou o aviso. Quero enviar a minha história, mora - mos aqui há muito tempo. Meu irmão já está ficando velho e quase morrendo. Sou o dono do rio, dessa terra, como as pessoas mais antigas, o meu pai. Na minha maloca todas as pessoas falam comigo. Aqui todas elas conversam comigo. Os antigos não gostavam de morar perto de civilizado, junto com vocês. Queriam morar na mata, lugar que não tinha brasileiro e nem (precisavam de) roupa para ir à cidade.

Aqui as pessoas conversam com a senhora e perguntam se podem mandar objetos para fora. Quem mora em Atalaia, não ensina trabalhar para ganhar dinheiro. A verdade é o que (estamos) falando. O "Projeto" mandaria coisas para a gente trabalhar e usar no serviço, mas prometeram e não mandaram nenhuma vez. Queriam garantias para mandar as coisas.

Queremos trabalhar para comprar as coisas. Pedimos muitas vezes para a FUNAI mandar material, queremos trabalhar. O Americano traz medicamentos. Eles vendem por preço menor (Repete tudo de forma inaudível).

Você conversa com as pessoas. Eles falam que querem morar aqui mais cinco anos, ficar com os Marúbo. Gostamos dessas pessoas, dos missionários e não queremos que eles saiam daqui. Não queremos que se vão, porque não tem^{os} remédio e ninguém sabe tratar os doentes. Converso com os missionários da cidade e falo (só) uma vez, avisando com uma palavra e eles me respeitam. Falo pouco e só uma vez, e na Superintendência falo pouco e certo como o Presidente. A minha história é curta, conversei com ele. Sou Raimundão, fiquei no lugar de meu tio, contei para o missionário que ficou aqui. Se (eu) não falar assim, eles não ficam sabendo o que está se passando aqui. Falei para ser respeitado.



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

Espero que a FUNAI ache um jeito de ganhar dinheiro. Eles vêm aqui para comprarem esteiras. Não querem viajar para cá. Assim a gente não queria; (queríamos que) deixassem ordem para comprarmos do regatão que está proibido de viajar para cá. Acho que eles (FUNAI) têm preguiça e não querem vir para tão longe, para cá. Como é que eles não querem trabalhar com o índio? Porque não querem? Tem gente esperando o regatão para ver e comprar as mercadorias. A FUNAI tem barco a motor, mas não traz as coisas. É bom para ela comprar galinhas e nós, os produtos deles.

Precisamos de motor de barco, leva muitos dias para chegarmos à cidade. Era melhor eles virem aqui. Mesmo os marreteiros que vendem muito caro, a gente compra assim mesmo. A gente gosta deles, porque aqui não se pega doença, não se sai daqui. Para sair fora na cidade, a gente pega doença e traz para a maloca. Por isso a gente quer que a FUNAI arranje para a gente vender mais perto (Revoltado).

Não quero saber da FUNAI, nem de vocês. (Queremos viver) como os antigos que sempre moraram na mata, no igara-pé, sem saírem da mata. Não queremos conhecer o pessoal da FUNAI. Pararemos de viajar para Atalaia. A gente não quer que eles vêm aqui passear. A gente carrega a borracha nas costas e vai vender, não precisamos do barco da FUNAI. (É) melhor morrer todos sem medicamentos, sem ensino e sem ouvir a conversa deles. Antigamente a gente morria logo, de doença ou de picada de cobra. As pessoas da FUNAI estão (nos) deixando muito desgostosos. Eu falo para a gente da FUNAI e eles não repetem. Não precisamos deles e não vamos precisar mais. Se o missionário quer ir embora também, não gostaremos mais dele. Essa conversa está mal. É a história que vamos ensinar aos meninos novos; os remédios dos antigos, ficamos com raiva de esquecer.



O pessoal da FUNAI que mora perto dos Marúbo, já nos enganaram muitas vezes pelas suas palavras. Já fiquei velho ouvindo sempre a conversa deles, meu filho já nasceu. Não sou animal que nada sabe, não me compare a cachorro, que não entende e não sabe falar. Sou homem que tem de entender o que me falam. Se está certo, eu não erro o caminho. Vocês enganam as pessoas, nunca chegam, marcam o dia e eu vou lá. Vocês não fazem, conversam, se esquecem e não vêm. A gente perde a confiança. São enganadores das pessoas. Vou em Atalaia falar com o Chefe da Base, depois vou mais. Quem vai tomar conta das pessoas, ele ou Paulo? Será que não quer fazer as coisas? Acha ruim viajar para mandar medicamentos e levar os produtos dos Marúbo. Não pense mais em falar comigo. Separo o rio e não deixo mais o regatão vir. Não procurem a gente. Vou conversar e você promete cuidar, e buscar o meu produto. Eu falo e aviso para não ser assim. Estou parado, não quero mais ir à cidade, ao Ramiro. A gente não vai mentir, mas não queremos mentira como já fizeram muitas vezes. Essa terra, a Vida Nova, não quero sair daqui. Precisamos viver como os antigos que não conheciam os brasileiros. Vamos nos virar.

Ouvi falar que as tribos do Xingu os mandaram embora e não querem mais falar com eles. Se o regatão chegar lá, querem matá-lo e mataram alguns. O regatão passa mais de dois anos sem passar lá. Perguntamos, se querem que nós também fiquemos desse jeito.

Se o barco a motor da FUNAI não vem, a gente vai à cidade, remando, até chegar. E eu pegava esse motor e levava lá para cima. Não quero que você volte remando até a cidade. Se morasse mais perto, a gente pegava o barco com o motor. Vocês não são enganadores, sua terra é longe, perto do Presidente da República. Eu respeito vocês. As pessoas daqui ficaram valentes.



Antigamente a gente andava num barco que foi consertar; não me pagaram e nem o trouxeram. A FUNAI se esqueceu, por isso quero pegar qualquer barco que passe por aqui. Eu disse para o chefe (de Posto) que o homem (Administrador) de Atalaia tem dinheiro nosso. Ele diz que não tem, mas esse dinheiro é nosso. Eles ganham o nosso dinheiro, o dinheiro mandado para o índio. Não dão para quem trabalha muito. O homem de Brasília falou que era para guardá-lo, que não tinha(mais) dinheiro para o índio. Eu pensava que ele estava mentindo e ele ficou com vergonha.

Eu queria que ele me falasse, se a FUNAI trabalha para amansar o índio. O pessoal da PETROBRÁS trabalhou na terra dos índios, deu muito dinheiro e ele (o chefe) guardou e gastou tudo. A FUNAI ficou sem o dinheiro da PETROBRÁS que conseguiu (quando ela) trabalhou na área indígena. A FUNAI ficou com o dinheiro e não entregou aos Tükúna. Vocês não sabem disso, mais eu sei, eles (os Tükúna) contaram para mim. O bote de alumínio foi comprado para os índios. Eles não ganharam nem o deslizador e nem o barco prometido.

Quando (a Administração) precisa de mercadorias para os índios, o dinheiro é mandado para eles. Chamamos este dinheiro, de nosso dinheiro, não dos funcionários. Já conhecemos essa história, por isso pedimos à FUNAI para comprar mercadorias para os índios. Esse homem de Atalaia vem passear (aqui) e eu não pedi. Ele sabe que lá tem dinheiro nosso e não compra mercadoria para a gente. Cada funcionário da FUNAI ganha pouca coisa, mas ganha e não compra. Gasta com bebida, bebe demais e não tem as coisas para usar. Faltam as coisas para eles, como faltam para nós; se vestem como nós que ganhamos pouco.



O pessoal da FUNAI que trabalha com o índio, a gente sabe que é enganador. Não sabe trabalhar pelos índios. Vem e passa um ano, e volta. Vem outro e vem outro. Sô vem fazer o mesmo que os outros, são enganadores, com aquele jeito que já sabemos. A FUNAI engana os índios igual ao regatão, compra barato dos índios e vende caro na cidade. (Assim são) as pessoas da FUNAI. Pessoas que(não) trabalham certo e com a verdade. O regatão compra por preço menor e ganha mais dinheiro (na venda). (A FUNAI) faz com os produtos dos índios a mesma coisa, do mesmo jeito. A FUNAI faz o mesmo e diz que o regatão está roubando. (Repete). Assim também fazem os missionários a mesma coisa. O Americano também compra por menos. Tudo igual: FUNAI, regatão e missionário que tem a Palavra de Deus, são crentes. Para o índio nunca deu presente, vem o dia de Natal, tem muita coisa, roupa usada mesmo, mas não dão para nós. Não tem pena das pessoas, dos brasileiros também. Nós índios não somos assim, damos presentes a todos e a nossos parentes.

As pessoas da PETROBRÁS que vimos, viram colar de uso nosso e compravam a 500 cruzeiros cada, mas já faz mais de cinco anos. Não os conhecíamos, davam-nos biscoitos e coisas para comer, não custava nada. Eram boas pessoas. A FUNAI disse ao regatão e aos Americanos que estavam roubando. Todos são iguais. A FUNAI pediu para nós artesanato antigo, que não comprou, ficamos animados, guardando esse material, mas a FUNAI nunca veio comprar. O pessoal não quer mais fazer, porque a FUNAI não o procura e desgosta a gente. Nunca veio (aqui).

Eu não vou avisar, vou parar de conversar com a FUNAI, não direi mais nada, todos pensam que sou mentiroso. Não vou dizer mais nada, já terminei de contar esta história. Mandaram dizer para as pessoas trabalharem. Ficaram ani-



mados e depois com raiva de mim que anda mentindo. Fico envergonhado. No tempo de meu pai, faziam caucho, vendiam peles de porquinho; não andavam com arma. Tinham terçado e machado, mas arma não. Ele trabalhava, comia caça e "ore-lha de pau", e não ganhava nada de regatão ruim. Não ^{vou} mais esperar nada. Vocês conversam com as pessoas, vem e contam as histórias como eles mandaram. Aqui estamos entendendo o que você diz, acreditamos no que você diz. Agora o Chefe da Base vem passear, no motor, tem avião para visitar as pessoas daqui, mas não tem coragem de andar longe. Não manda aviso para nós sabermos qual a ordem (que) veio de Brasília. Eu sempre viajava, passeava na cidade, mas (agora) não tenho como viajar.

Gilvam era gente boa, foi colocado como Chefe (da Base). Pegava e comia, por aqui, com a gente. Nunca disse que comprava isso ou aquilo. Agora os Chefes da Base não são mais como o Gilvan.

Os Marúbo da cabeceira do Ituí são bravos. Você pode trabalhar, mas (os outros) não viajem para cá. Nós (os) chamamos muitas vezes, mas nunca vieram para cá e eu fiquei com raiva. No "Projeto", era para mandar à todos os Marúbo, os fornos e os motores, mas o chefe do Posto Boeiro segurou o motor e emprestava aos brasileiros. Naquele tempo ele mentia, era para todos usarem. Era para ralar mandioca. Ele segurou dois motores e usava lá, não mandava para os índios; deu para um seringueiro trabalhar. Eu fiquei com raiva porque eles faziam isso com a gente, dando para o civilizado usar, em lugar dos índios. Ficamos com raiva porque isso não era certo. Era de uso do índio e enganou-me outra vez. Disse que tinha comprado um motor de pé para usar no casco da canoa. Ele segurou o motor quando chegou e não me entregou. Pensei que fora mandado para ele, mas era para os Marúbo usarem. Foi consertar e não voltou mais. Não peguei mais. A nossa



canoa grande também levaram e não voltou mais. Perdemos três motores dessa maneira.

Os Marúbo daqui nada receberam. Nada recebemos do que vem para nós. O Posto esperava (alguma coisa). O Posto Curuçã recebeu e aqui no Ituí nada ganhamos. E digo para vocês contarem àquele homem essa história, para ele saber que as coisas sumiram. Esperei cada mês a chegada do Presidente da República para ele saber. (Repete a história do forno que ficou no Boeiro).

Precisamos fazer farinha e não temos forno. (Meu) irmão recebeu só um forno e tinha muita mandioca para fazer farinha. Queríamos um homem que soubesse trabalhar com a gente, que não desviasse as coisas que vêm para os Marúbo. Queremos um homem mais sabido, que faça tudo certo, um homem bom. Queremos uma pessoa da Presidência.

Odinor (Chefe do PIA. Ituí) não faz as coisas certas. Só gosta de algumas pessoas. Aqui ninguém gosta dele. Não queremos gente de lá, queremos gente de Brasília. Ele (Odinor) mora no Martins e não sabe fazer nada. Não queremos o Odinor que mexe com as mulheres dos Matís e tem três filhos lá. Não faz nada. Gosta de morar lá, por isso, cuida só da sua mulher e mente que as pessoas gostam dele. Às vezes diz que não gosta dos rapazes novos e mente. Estou falando a verdade para vocês saberem o que essas pessoas fazem de coisas erradas. Aviso para que o Presidente da República fique sabendo que há funcionários que são assim.

Quero que mandem funcionários casados; solteiros não têm panelas, ficam pedindo rancho aos Matís. Não compram rancho e nem mercadoria. Ganham salário, (mas) não gastam o dinheiro. A gente pensa que eles não querem comprar na

da; só andam atrás das mulheres dos Matís. O Presidente, em Brasília, precisa saber.

Falei isso para os missionários que moram com os Marúbo. Eles gostam daqui, mas alguns falam que não gostam deles. A gente falou, que, se eles vêm morar com os Marúbo, arranjamos lugar para o outro missionário morar na terra dos Marúbo. Eles não queriam porque são antigos. Não querem pegar doença da cidade e trazer para nós. (Eles) ficam morando aqui com os Marúbo e pensam como a gente. Falamos com o homem de Manaus (Superintendente): eu gosto dele porque traz medicamentos. Eu estive tuberculoso e ele trouxe o médico e tratou-me. Eu fiquei com saúde. Naquele tempo, minha irmã e irmão morreram os dois de uma vez e eu peguei tuberculose outra vez. Ele trouxe-me à cidade e vendo a doença, tratou-me e fiquei bom. Essa doença todos conhecem bem; levam (o doente) para esse homem tratar e (após) curado volta para cá. Lá, eu falei, que o missionário sabe ensinar, falar português, faz as compras e (traz) os medicamentos para as pessoas. O regatão também leva-os, nas viagens, às malocas. A gente não fala português bem, mas o missionário fala.

A gente (pode) mandar ele voltar para a terra dele. Agora a gente não vai mandar mais, o missionário vai morar com agente. Ele leva medicamento ^{para} tratar as pessoas. Ele (Administrador?) diz que não quer missionários na terra dos índios, mas a gente combinou que é amigo deles e o (Admi nistrador) deixou ele voltar para morar na nossa maloca. Ele chama-se João. O missionário disse ^{que} não ia morar mais aqui, mas a gente não deixou ele ir embora. Ele morar aqui é muito bom para nós. Ele falou para gente, que querem tirá-lo da qui. O avião das Asas do Socorro não deixa ele ficar, ficou

preso, segurou o avião para ele deixar os Marúbo. Aqui as pessoas da FUNAI não querem o missionário morando com os índios. Ele quer ir morar em qualquer lugar, mas eu falei que eu sou bom para ele. As pessoas da cidade, Manaus (Superintendência?), não querem que ele more com os Marúbo, muito tempo, mas gostamos dele aqui. Não deixo o missionário sair. Não quero ficar com raiva dele, senão eu mandava embora, falando assim, eu disse para esse missionário. Ele pediu-me e eu vou falar com o homem. O (Administrador?) pediu para tirar você daqui, só que eu gosto muito dele e quero-o aqui.

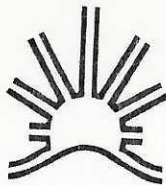
O brasileiro que quer morar na terra dos Marúbo, eu deixo, mas os antigos não deixavam. Na nossa terra, na nossa maloca, eu conseguia que pessoa amiga viajasse para cá. Uma pessoa boa que traz mercadoria, o Marúbo arruma (um lugar) para ela. A gente gosta que eles vêm, pensamos que são gente boa que compra as mercadorias que a gente precisa e vende para nós. Mas eles mandavam nós embora, fazendo comércio fora daqui. Não fazem o trabalho do regatão que nós precisamos. O Chefe da Base não deixa mais eles virem, não deixa os civilizados entrarem e a gente traz os produtos para vender em Cruzeiro do Sul. Vamos deixar de falar com o pessoal da FUNAI. (Estamos) sem remédio, sem ensino, como os antigos. (Revoltado). Vamos ficar isolados, sem contato com as outras pessoas. Quando precisamos das coisas, vamos à Cruzeiro do Sul. A gente aqui pega muita doença, picada de cobra, precisamos de medicamento. A gente não fala mais para a FUNAI mandar remédio e para o pessoal da FUNAI vir curar os doentes.

Se o pessoal de Brasília mandar chamar o missionário, a gente precisa dele, (mas) eles pensam que não precisamos. Se a gente chamar, o missionário vai (passear) na

terra dele, mas morar aqui, porque ele está planejando na área dos Marúbo. Ninguém está segurando ele aqui. A gente fala para (ele) não ir. Não queremos falar para ele ficar dois ou três anos. Queremos saber se ele estava enganando as pessoas, (aí) vamos deixar de segurá-lo aqui. Se ele não está gostando de morar aqui, não gosta da gente que briga com ele e as pessoas de Brasília querem tirar ele fora, a gente não fala nada. Mas o pessoal da FUNAI quer (tirá-lo). Os meus filhos já estão moços e estou a tempo com o missionário, já conheço-o.

O pessoal da FUNAI é que me enganou, eu sei. Eles pensam que eu sou um cachorro; eu não sou um animal. Você pensa que não sei dizer nada, nem fazer serviço? Não sou como um animal que faz isso. Sou uma pessoa, gente como vocês, gente. Enganam-se todo o tempo, mas conheço o jeito do pessoal da Funai, não cuida bem dos Marúbo do Ituí. Dessa vez eu vou lá para baixo e chegando em Atalaia, falarei com o Chefe da Base como você mandou uma vez. Você já pediu essa conversa. A gente não precisa de fazer as coisas com o Senhor, que já esqueceu da nossa conversa, então eu quero falar outra vez. Enganaram-me muitas vezes ao dizerem (que iam) trabalhar para os Marúbo. Vou falar para ele mais uma vez, só essa vez, depois não vou mais conversar. Vou sair daqui e achar um lugar novo para morar. Não queria sair do Ituí, mas não quero mais morar aqui, fui enganado muitas vezes.

Fiquei com raiva, por isso quando dizem para vocês que outras tribos do Xingu (ou Tükúna?) fazem pedidos para você (Administrador) comprar, ficaram com varia. Eles tomaram o barco e mandaram você para a Base, de canoa. Nós vamos ficar como ele, faremos isso com vocês. As pessoas da FUNAI, de



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

19

Atalaia, já podiam ter tomado o barco (dos Tukûna). Não faço assim (com a equipe da COART/Museu do Índio) porque é muito longe, não são daqui e nós respeitamos vocês. O pessoal de Brasília nós respeitamos. Os índios daqui podiam fazer vocês voltarem de canoa, mas eu não quero fazer isso com vocês. A gente de Atalaia podia tomar o motor (dos Tukûna), precisamos dele para viajar para dentro do Ituí (Pensamos em) mandar vocês saírem de canoa até Atalaia. O pessoal daqui não faz isso. Aqui, conversamos para vocês levarem um recado ao Presidente da República, para saber (do) que estou falando. Não sou valente. Estou falando para as pessoas de Atalaia, contando a história que você grava para saber toda ela.

Sua terra (a da Equipe) fica muito longe e estou dizendo que sua palavra é verdadeira, seus conselhos; sem mentiras. Eu conheço o seu jeito, você está me entendendo, não esquece o que estamos contando e (sabe) como dizer. Minhas palavras estão coladas em sua cabeça. A pessoa que faz só um pedido e você atende, (é) porque é boa.